

## O Repertório Coral no Período Clássico

*síntese por Susana Cecília Igayara-Souza*

O período clássico é geralmente compreendido entre 1750 (ano da morte de Bach) e 1820. É um período cosmopolita, em que se enfraquecem as diferenças regionais, e são comuns os impérios, com muitos territórios sendo governados por monarcas estrangeiros. Também é comum, entre os artistas, atividades em diferentes países, provocando um estilo de vida internacionalizado e um pensamento mais cosmopolita do que nacional.

Neste período chamado de iluminismo, ou de século das luzes, cresce o espírito científico e a crença no conhecimento experimental e no valor dos sentimentos naturais. Entre os principais pensadores do período podemos citar Rousseau, Voltaire, Locke, Hume. Estão também como marcas do período uma busca de igualdade de direitos e de instrução universal. Alguns dos filósofos do iluminismo são ateístas.

O período conheceu vários déspotas esclarecidos: Frederico, o Grande, da Prússia, Catarina, a Grande, da Rússia, José II da Áustria, Luís XIV da França (no primeiro reinado). As artes e as letras eram protegidas. Difunde-se o ideal da maçonaria, ligado a ideais humanitários, com adeptos entre governantes, poetas e compositores.

A ascensão de uma classe média numerosa trouxe mudanças no ensino e um processo de popularização da arte, com novo mercado com novas exigências estéticas.

Crescem as sociedades de concertos públicos e cai o mecenato. Aumentam as edições destinadas a amadores, são redigidas as primeiras histórias da música, são desenvolvidos manuais técnicos e aparece um jornalismo musical.

### Repertório Coral

Principais gêneros:

Ópera

Música sacra

Sinfonia Coral (com Beethoven)

Canções corais, cânones e outros gêneros seculares

A música sacra, no século XVIII, aproxima-se, em estilo, da música secular. Os mesmos compositores que se dedicam à ópera ou à sinfonia compõem música sacra.

Missa: são cultivadas a *missa brevis* e a missa sinfônica

Oratório - desenvolvidos com novas perspectivas, a partir dos modelos barrocos

Obras sacras para serviços religiosos  
Canções corais, cânones e outros gêneros seculares

- Algumas das obras corais-sinfônicas mais presentes nos repertórios atuais das temporadas sinfônicas estão compreendidas neste período.
- O período clássico faz parte do que se costuma chamar de “repertório central” no Canto Coral, ou seja, as grandes formas corais-sinfônicas do alto barroco até o romantismo.
- Repertório muito executado e muito gravado, que permite a comparação de versões antigas e atuais. Diversas edições disponíveis, com versões revistas a partir de trabalhos musicológicos recentes. Algumas missas de Haydn chegam a ter 10 edições diferentes.

---

Música sacra no classicismo

De maneira geral, o período clássico é visto como um período mais distante do poder da igreja, mais laico. No entanto, é deste período algumas das obras sacras mais executadas nas temporadas de concerto. De certa forma, a música sacra passou a ser composta para o teatro, dentro da tradição sinfônica, e neste perfil pôde expandir-se. Foram muitas, no período, as restrições para a música nos cultos, começando pela rejeição aos instrumentos (era admitido apenas o órgão). O patronato eclesiástico também diminuía, uma vez que eram impostas restrições aos poderes seculares do clero (Joseph II).

O estilo secular, sobretudo operístico, fazia-se presente na igreja. Boa parte do repertório praticado em igrejas católicas era arranjado de origens teatrais. Alguns raros compositores mantiveram, durante o classicismo, o estilo antigo, mas de forma geral a música sacra do período confunde-se com o estilo operístico ou sinfônico, ou ambos. O estilo fugato e contrapontístico continuou sendo usado em obras sacras, como pode ser observado em Mozart e Haydn.

Na Itália atuaram Pergolesi, Jommelli, Baldassare Galuppi. Neste último, a produção sacra é tão vasta como a operística, e ele ocupou o cargo de mestre-de-capela da catedral San Marco de Veneza, o mais importante da cidade. Dividia sua função com viagens ao exterior, sempre ligadas às produções operísticas. Nos últimos anos esteve mais voltado à composição sacra, que inclui oratórios, missas, cânticos e motetos. Em Veneza, continuava a tradição associada a Vivaldi. Galuppi esteve um período na Rússia e escreveu para a liturgia ortodoxa, mantendo o contraponto ocidental. Charles Burney relatou ouvir em San Marco uma missa com seis coros e seis orquestras distribuídas pela catedral (uma ampliação da tradição veneziana dos *cori spezzatti*).

Na Rússia, Catarina a Grande (reinou de 1762-1796) convidou italianos para trabalhar na Rússia e enviou russos à Itália. Depois de Galuppi, Dmitri Bortnyansky (1751-1825) buscou um estilo ortodoxo moderno. A igreja ortodoxa russa permaneceu

bastante isolada estilisticamente, principalmente pela manutenção da proibição de toda música instrumental.

Na França, que concentrava o pensamento filosófico anticlerical, a música sacra tinha uma tradição menos importante, mas a igreja mantinha um conservadorismo. Nessa época foram populares os *Concerts spirituels*, concertos em igrejas em épocas que o teatro estava fechado, e que abriam com uma obra sacra, a princípio um dos grandes motetos franceses do barroco, mais tarde obras de Haydn e Mozart. Na França atuou Jean-François Lesueur (1760-1837), que compôs muita música sacra e que serviria de exemplo para seus discípulos Berlioz e Gounod.

Na Áustria, a música sacra católica buscou na *missa brevis* uma solução para uma duração não muito longa da música do culto. A orquestra tem presença limitada e os textos do ordinário são organizados em um único movimento, mais prático para o uso litúrgico, e não em muitos números como no estilo da cantata.

A missa sinfônica mantém um compromisso entre as necessidades funcionais e estéticas da cantata e da missa breve. A orquestra e os solistas são plenamente utilizados. Os textos mais curtos do ordinário podem ser musicados em um único movimento, os textos longos como o Gloria e Credo podem ser divididos em três movimentos, em andamentos contrastantes. A missa sinfônica, assim, assemelha-se à estrutura das sinfonias, e podem ser consideradas como sinfonias vocais.

A missa sinfônica esteve presente na corte de Esterházy, com Joseph Haydn, e em Salzburgo, com Mozart e Michael Haydn (este com 30 anos de produção). Michael Haydn, cujas obras ficaram fora dos repertórios de concerto durante muito tempo e hoje estão sendo largamente difundidas em gravações, era tão considerado como o irmão Joseph, em sua época. Na música sacra, chegou a ter mais projeção que o irmão.

As últimas 6 missas de J. Haydn podem ser consideradas as mais representativas do gênero, ao lado das grandes missas de Mozart. Haydn trabalhou nestas obras como verdadeiras sinfonias vocais. A instrumentação também foi aperfeiçoada, principalmente o tratamento dos instrumentos de sopro. Em muitos momentos Haydn desafia convenções, como o uso de trompetes e tímpanos no Benedictus, geralmente de caráter lírico, na *Nelsonmesse*.

Nenhum outro texto litúrgico teve a importância da missa, mas podemos citar o *Te Deum* de Haydn (1800). Também têm importância o Requiem. Além do Requiem de Mozart, inacabado, M. Haydn escreveu dois Requiens, uma para as exéquias do príncipe-arcebispo de Salzburgo, Sigismund Schrattenbach. Salieri também é autor de dois Requiens.

Weber, Cherubini, Beethoven e Schubert são compositores que poderiam ser analisados como formados na tradição clássica, que eles expandirão para o romantismo. Embora elementos clássicos sejam encontrados em todos eles, sua obra coral seria melhor analisada dentro dos quadros do romantismo.

A música sacra foi desenvolvida em meio a muitas restrições por parte da igreja, e sobreviveu como uma espécie de oratório, como uma forma aberta à experimentação por parte dos compositores. Missas e oratórios eram compostas para festivais na Inglaterra e Alemanha. O Canto coral cresceu durante esse período, em que era forte a atividade de sociedades corais amadoras e dos festivais de Birmingham, Norwich e Three Choirs. As

obras corais de Cherubini e Mozart, e principalmente *A Criação* de Haydn propiciaram uma ligação com a tradição de Händel e o oratório do século XIX (Spohr, Mendelssohn).

A austeridade exigida no culto católico e ortodoxo também esteve presente no serviço luterano. A tradição de Bach e Telemann foi afastada em busca de uma música mais funcional, menos ornamentada e elaborada.

Samuel Wesley (1766-1837) ignorou as restrições e compôs em *style galant*. Compôs também para o serviço anglicano, foi grande organista e teve papel importante na introdução de J.S. Bach na Inglaterra. Thomas Attwood (1765-1838) trabalha com obras sacras e seculares, e em formas tipicamente inglesas como o serviço anglicano e o hino de coroação.

Dentro do quadro do iluminismo, os oratórios de Haydn podem ser vistos como portadores de uma mensagem religiosa convencional, mas também refletindo uma filosofia mais secular de indagação humana. Também a *Flauta Mágica* de Mozart pode ser vista com uma obra com pensamento religioso, num sentido mais amplo.

A multiplicação de concertos públicos propiciou um desenvolvimento da música coral independente de finalidades religiosas, antecipando o grande período coral que estava por vir. A Revolução francesa trouxe a era dos hinos nacionais e músicas para festividades, frequentemente ao ar livre. O primeiro aniversário da queda da Bastilha foi comemorado com o *Te Deum* de Gossec (1734-1829), com mais de mil executantes. Sentimentos patrióticos e republicanos estavam presentes e para festividades populares, concertos e uso doméstico escreveram Méhul, Cherubini, Lesueur e Catel. O nacionalismo e a música dramática seriam temas que este período revolucionário deixaria para o século seguinte.

Nos EUA podemos citar William Billings, compositor que parece ter sido autodidata, e que compôs música para Salmos, Anthem, e histórias de natal, trabalhando tanto com obras de pequena dimensão como em formas com grande estrutura. São conhecidos vários livros de Salmos, compostos a partir de 1770. A música de Billings desenvolveu-se na época da independência americana.

Depois de analisar o repertório clássico em suas ramificações e desenvolvimentos, talvez pudéssemos dizer que a música clássica transformou-se em romântica.